

CONFEDERAÇÃO ABOLICIONISTA

A SITUAÇÃO ABOLICIONISTA

CONFERENCIA

DO

CONSELHEIRO RUY BARBOSA

EM 2 DE AGOSTO DE 1885

NO

THEATRO POLYTHEAMA

SOB A PRESIDENCIA DA CONFEDERAÇÃO ABOLICIONISTA

FOLHETO N. 11

RIO DE JANEIRO

Typ. CENTRAL, de Evaristo R. da Costa

7 TRAVESSA DO OUVIDOR 7

—
1885

NOTICIA

No dia 2 de Agosto de 1885, reunidos os membros da *Confederação Abolicionista*, no theatro Polytheama Fluminense, em sessão publica, a que assistio o povo, em numero superior a duas mil pessoas, colheu a idéa abolicionista mais um grande triumpho com o discurso pronunciado pelo benemerito e illustrado brasileiro, o conselheiro Ruy Barbosa.

Ao meio dia ao depois de aberta a sessão pelo presidente da *Confederação* o Sr. João Clapp, foi dada a palavra ao

orador official que pronunciou o discurso que adiante vai publicado.

Os camarotes estavam occupados por grande numero de familias e pessoas gradas, notando-se senadores, deputados, officiaes de mar e terra, magistrados, e muitos cavalheiros representantes da imprensa e outras classes sociaes.



A SITUAÇÃO ABOLICIONISTA

O Sr. Ruy Barbosa (*Dupla e prolongada salva de applausos*):—Minhas senhoras. Meus senhores. Aqui, no vasto ambito deste hemicyclo, sois não menos de duas mil almas indignadas, que vêm protestar, em nome da dignidade brasileira, contra o sophisma official da reforma que nos ameaça. (*Applausos*).

Mas bem acanhado é este recinto, para abranger a manifestação que representaes; e, sob a acção da corrente galvanica que perpassa aqui por todas as almas, dirigindo-as, n'uma harmonia que todos sentimos, para o polo commum da liberdade, parece-me ver o perimetro desta reunião transfigurar-se, crescer, estender-se até onde se dilatam as fronteiras do paiz, até onde se perdem os confins do captiveiro. Não é mais o estuar de uma assembléa de cidadãos livres o que se agita derredor do meu espirito: é uma

immensa massa negra de cabeças humanas, em cuja face, muda como a calma das noites sem astros, a agonia e o vilipendio de tres seculos aprofundaram o sulco eterno das lagrimas extintas, e sobre cuja fronte branqueja a neve alpina da velhice santificada pelo martyrio irresgatavel. Accaso a vossa consciencia, que é a consciencia publica, não está ouvindo, neste momento, alguma coisa que os sentidos não percebem? alguma coisa como se, debruçados da amurada de um navio, despedindo-vos da patria que se limita pela escravidão ao occidente e ao oriente, procurasseis escutar a voz do que se não ouve nas ondas do Atlantico, decifrar, nas vagas que se desfazem chofrando o costado do barco, o testemunho melancholico das victimas do trafico africano, que ellas sepultaram, contra uma civilização que assenta na barbaria, e não sabe repudial-a? (*Applausos*).

A influencia dessa evocação invisivel apodera-se de mim. Do seu seio dir-se-hia exhalar-se um psalmo grandioso, como a voz de muitos órgãos derramada pela nave de uma cathedral gigantêa: « Nós somos os cem mil reescravizados pelo projecto Saraiva. Ha um anno, a nossa liberdade foi pronunciada pelo ministerio Dantas. Ha alguns mezes, a nossa liberdade era uma conquista consummada. Um estadista atrevido proclamou-a em nome do seu partido; a monarchia ratificou-a, empenhando-lhe a sua honra com a dissolução do parlamento; a nação decretou-a, insprimindo-lhe, nas urnas, o sello da sua vontade. (*Applausos*). Mas a nação foi conculcada por um conluio, no escrutinio furtivo

da camara dos deputados. (*Applausos*). O compromisso da corôa foi rôto por um senhor de engenho (*applausos*), que, promovido a mordomo imperial dos nossos direitos, incumbio-se de medir-nos a razão a liberdade. (*Applausos*). O partido que hontem assignava a nossa carta de alforria, serve hoje de responsavel á nossa reimmersão no captiveiro. (*Applausos*). Melhor seria não terem proferido nunca esta palavra divina, que agora se revolta em nós. Mais humano fôra não terem semeado em nós essa esperança, como flor em rochedo de Africa. Essa reforma, que os distilladores do nosso sangue applaudem á custa do nosso suor cunhado em moeda para os extorsores felizes, é uma nova crucifixão da raça negra, sob um escarneo mais lacerante que a crueldade da oppressão anterior. (*Applausos*). Para nós a liberdade já principiára, pela fé na palavra des livres. Agora espaçam-n'a por cinco annos. Cinco annos, para a velhice, é onde começa a morte, é já o territorio do tumulo. Não sómente o tumulo de cada um de nós, o tumulo dos que já sentem nos pés o frio do ataúde. Cinco annos são o enterro da escravidão, o fim da propriedade servil. (*Applausos*). Despojando-nos da liberdade immediata, a vossa promessa é um ludibrio, ou uma superfluidade; porque estas cem mil almas, que a estúpida força das vossas leis faz refluirem, contra a corrente, ao antigo captiveiro, são uma barreira momentanea que a demencia da vossa tyrannia obstrue o alveo á liberdade: de um rio fazeis um torvelinho, uma catadupa, uma voragem; e, quando o obstaculo desabar,

quando o peso da torrente accumulada cair como tromba desfeita, a imagem dos cem mil velhos, cujos ultimos restos de vida tiverem servido para accelerar, com o holocausto do seu martyrio, a redempção da sua descendencia, fluctuará sobre a inundação asserenada, para desmentir, em presença do futuro, a gloria dos que ambicionam a corôa de libertadores, recambiando ao eito e ao feitor uma geração inteira já redimida aos olhos do paiz e do mundo. » (*Applausos*).

Para abafar os soluços desta reivindicação e desta prece; para impedir esta communicação imperceptivel, mas irresistivel, das consciencias; para substituir, na scena politica, os cem mil recaptivados do projecto 12 de maio pelos medalhões de pechisbeque, que acaudilham o sequito do gabinete (*applausos*); para destruir a autoridade incomparavel da presença moral destes cem mil espoliados contra o crime que caracteriza a camara actual como o mais vergonhoso dos instrumentos que jámais se manejaram entre nós contra a liberdade, a fortuna e a honra do paiz, — não basta nem a *claque* dessas manifestações annunciadas, em que mais commercial e agricolamente os individuos se poderiam substituir por sacas de café (*riso*), ou feixes de vergastas (*applausos*), nem a farfalice depreciativa dos escribas ministeriaes, que amanhã se renovará contra nós, qualificando de « *exercicios academicos* » a linguagem, que aqui se falla, da dialectica aquecida em braza por essa mesma colera da verdade, que poz o látego nas mãos do Nazareno. (*Applausos*).

Somos então nós os rhetoricos? Nós? E desde quando as *chapas* alvares da mediocridade balbuciante começaram a ser o estylo obrigatorio da razão, da experiencia e do direito? (*Applausos*). Mas que é toda esta situação, que atravessamos, sinão uma indromina de palavras: palavras oucas, palavras falsas, palavras desvirtuadas, palavras incoherentes? Que vem a ser a politica do ministerio 6 de maio, a sua defesa parlamentar, senão umas reminiscencias de sophisteria escolastica, uma escalrichada rhetorica de sabbatina, posta ao serviço da mais odiosa das causas? (*Applausos*). A parte mais grammatica no parlamentarismo do gabinete não é a garabulha da *questão aberta*, com a chirinola dos *moldes*? (*Riso*). Essa rancida salgalhada dos moldes, em que, antes do nobre presidente do conselho, já se enconchara o sr. João Alfredo com o sr. Paulino de Souza, que é, em ultima analyse, senão um bojudo tropo de rhetorica, em cujo vão o projecto 12 de maio se aconchega familiarmente ao lado dos bois de recavem? (*Applausos*). Essa questão, que se abriu, para se aferrolhar mais tarde, e reabrir-se ultimamente, que sentido encerra? Que idéa politica exprime essa mistela convencional *ad usum* do nobre presidente do conselho? (*Applausos*). Essa manumissão dos sexagenarios, cuja liberdade não está no projecto, cuja liberdade o projecto cala, e que, todavia, a palavra do honrado estadista dá seguro de estarem libertos, ao mesmo passo que lhes impõe um triennio de trabalho servil, ou o resgate em dinheiro, que é isso, senão um

bruxedo de rhetorica, uma dansa macabra de phrases, uma decocção de surra, senzala e lynchamento, diluidos pelos Quintilianos do gabinete em emulsão de fallário parlamentar? (*Applausos prolongados*).

Essas figurarias de abolicionismo não engodilharam, louvado Deus, o espirito abolicionista. Mas, para lhe bater palmãs, ahí esfervilha, em torno do ministerio, o gentio dos *amigos da lavoura*. Não sei se este *gentio* dirá bem aqui... Não os quero pintar de arco e flecha, ou gulosos de carne humana. Muitos são, até, de pouco sustento, e, na alimentação, creio que não passam do regimen vegetal. (*Risadas*). Digo *gentio*, na accepção de *muita gente*. Que numero não deve elle ser, se ha quem o confunda com a nação! (*Riso*). Esses são, sem descrime de cores politicas, os *charamelleiros*, os clauguistas phreneticos do projecto 12 de maio. Não será occasião de classifical-os tambem, a exemplo do que ante-hontem praticou, a respeito dos abolicionistas, o honrado sr. Andrade Figueira? (*Apoiados*).

De philosopho é, segundo s. ex., estudar a sociedade nos elementos que a compõem, e distribuil-os pelos seus caracteres. Ora, pois, philosophemos.

Dispoz-nos s. ex. a nós os abolicionistas em duas grandes séries: *especulativos* e *especuladores*. Não vos será difficil encasar tambem nessas duas sintheses as subdivisões em que coordenarei os nossos adversarios: theoristas uns; outros, negociantes. Diriamos melhor: *ingenuos* e *engenhosos*. (*Riso*).

Repartil-os-ei, porém, em quatro *classes*, que se ramificam em varias *ordens*.

Na primeira classe, que donominarei dos *estadistas*, se categorisam os *esphynges* (*riso*), os *furta-côres* (*riso*) e os *trancas*. (*Hilaridade*).

Os *esphynges* intimam a sua autoridade pelo silencio; entocam-se no desconhecido (*riso*); não encarnam opinião nenhuma. Mas, haja ahi uma precisão, um aperto; superabundem moldes, faltando apenas quem seja capaz de plasmear coisa que a todos agrade (*riso*); e é pedir por boca: ahi tendes, em qualquer delles, mão de desempenho para quanto quizerem. (*Riso*). Parece que se versejou para esses o epigramma popular :

*Ni la doncella Teodora,
Ni el sabio de Salomon
Compiten con mis idéas,
En llegando la occasion.*

(*Hilaridade*).

Os *furta-côres* caberiam zoologicamente na familia dos *cameleões* (*hilaridade*), animaes apprehensores até pela cauda (*riso*), e cujos olhos possuem a singular propriedade de mover-se independentes um do outro, vendo simultaneamente em direcções oppostas. Suppõe o povo que elles *papam vento*. (*Riso*). Mas a sciencia conhece a distensibilidade extraordinaria da sua lingua e a gula insectívora destes saurianos. (*Riso*). Em politica são individuos que mudam de idéas com o ar que respiram, e de colorização conforme o ramo onde poisam.

(*Riso*). São os que *podem, devem e querem*. A saber: *podem, devem e querem* a emancipação, ou *podem, devem e querem* a escravidão, conforme pintarem os tempos, e Deus Nosso Senhor mandar as coisas. (*Hilaridade*).

São os *trancas (riso)* uma especie de travessões oppostos a todo o movimento. Não admittem *progresso*, a não ser para traz, a recuansos (*Riso*). Não se cansam de reiterar, contra quantas reformas vierem, por incolores e esmalmadas que sejam, a velha sanfonina de que, neste assumpto, o que não for a immobillidade é a ruina da patria. (*Applausos*).

A segunda classe vem a ser a dos *pernos-ticos*. (*Riso*). Divide-se em quatro ordens: os *mulatos envergonhados (hilaridade prolongada)*; os *capitalistas*, os *praticos* e os *sabios*.

Por *mulatos envergonhados* designo eu certos homens de côr, mais ou menos claro-escuros, mais ou menos escuro-claros (*hilaridade*), circassianos do lusco-fusco (*risadas*), desertores da rainha Pomaré (*risadas*), que suppõem filiar-se á Tentonia, azular o sangue, e jaspear a tez, alugando-se aos senhores dos seus paes, como algozes dos seus parentes. (*Applausos*).

Capitalistas chamo a certo genero de forretas, para os quaes o sr. Andrade Figueira descobriu aquelle meio de cabala, de que s. ex. nos revelou ante-hontem o segredo: « Se o senhor *não tem que perder*, vote com o Dantas; mas, se tem, aqui está a minha chapa. » (*Riso*). O pobre *cheira-dinheiro*, para não passar ahi por qualquer *jã-ninguem* ruin-pa-

guilha, para se não confundir com os pobretões sem eira nem beira, recebe a chapa, agradece-a ainda com meia duzia de medidas, e inscreve-se dest'arte entre as pessoas de bem afazendadas. (*Hilaridade*).

De *sabios* se presam os que vêm traçado no angulo facial do escravo a providencialidade da escravidão. De *praticos* fanfurriam uns espiritos de olhar grave, que nasceram de oculos ao nariz (*riso*), contemplam com veneração a junta de bois (*riso*), extasiam-se com reconhecimento nos serviços do vira-mundo (*riso*), e sustentam conclusões magnas, para provar a virtude especifica do suor africano como adubo chimico do cafeeiro. (*Hilaridade*).

A terceira classe é a dos *finos*, gente azevieira que se trifurca em *sanguesugas*, *malfeitores* e *abolicionistas*. (*Riso*).

Os *abolicionistas* constituem uma familia de lobos entrajados de cordeiros (*applausos*), umas raposas que no saque dos gallinheiros aprenderam a cacarejar. (*Risadas*). Dão lições de abolicionismo aos abolicionistas, e recusam aos abolicionistas a abolição. (*Riso. Applausos*).

Sanguesugas são uma colonia de *parasytas*, que se fórma sobre a pelle da lavoura. São esses a quem o sr. Andrade Figueira demonstrou que vem beneficiar os favores do projecto. (*Applausos*).

Malfeitores appellidarei, sem demasia de severidade, os herdeiros dos piratas, que exaggeram a idade aos escravos contrabandeados depois de 1831, para esquivar a acção da lei de 7 de novembro (*applausos*); são os que

antedatam o nascimento aos ingenuos da reforma de 1871, para os reduzir a um captiveiro, que o codigo penal pune de cadeia (*applausos*); são os que promovem, nos jurys, a absolvição dos escravos accusados, para os assassinar depois a açoites, na impunidade tranquilla das fazendas. (*Applausos prolongados*).

A ultima classe é a dos *patetas*. (*Riso*). Ramifica-se em duas ordens: a dos *sangrados* e a dos *patulêas*.

Sangrados são os que servem de pasto voluntario aos *sanguesugas* de que já vos fallei. E' a classe mais numerosa, a classe geral no seio da lavoura. Affizeram-se á esse regimen de *sangria spoliativa*, em que vivem, ao ponto de encherem os melhores interpretes dos seus interesses nos que fazem profissão de esvaziar-lhes os globulos mais rubros das veias. Dão a lembrar esses coitados os doentes de outr'ora nas mãos dos terriveis sangradores da idade média, dos quaes se disse que a sua lanceta não era menos mortifera que a espada dos soldados. (*Riso*). A medicina dos Guy-Patins, desses phlebotomistas inexoraveis resumia-se nestas palavras de Botal: « O sangue, no corpo humano, é tal qual a agua n'uma boa fonte: quanto mais se despeja, mais borbota. » (*Riso*). Este parece ser tambem o aphorismo desses amigos profissionaes da lavoura, os seus procuradores natos, em quem essa classe de explorados ainda não percebeu a *má gambia* de que Bocage desconfiava. (*Riso*).

Para que fallar nos *patulêas*? Farandula inconsciente dos faniqeiros das migalhas da

feita, elles compõem o troço do foguetório, e fazem cauda, nas ovações, á porta das casas opulentas, enquanto o ventre do partido se banquetêa em cima, entre as luzes, as joias e os sorrisos das damas. (*Applausos*).

Eis os elementos da atmospheria social onde gyra o escravismo, substanciado officialmente no gabinete 6 de maio.

Consideremos agora na propaganda abolicionista; attentemos por um instante nas suas victorias moraes, nas portentosas transmutações operadas por ella.

Um anno ha que o projecto 15 de julho era recebido, na camara baixa, por um bombardeio infernal da colligação escravista, que o denunciava ao paiz como a demolição rasa da grande muralha chinesa erguida para todo o sempre em defesa dos latifundios da escravidão; como a invasão revolucionaria da vanguarda abolicionista, com o seu exercito de loucos, na área sagrada, onde os elephantes brancos ruminam beatificamente a tradição, a propriedade e o orçamento. Deu-se rebate ás instituições do Celeste Imperio de que a irrupção dos Tartaros ameaçava a existencia nacional. (*Riso*). O mandarinismo da jurisprudencia conservadora agitou phreneticamente o rabixo (*riso*), não duvidando advertir a propria familia reinante dos Tai-thsings de que o captiveiro é a base do throno, e existia immemorialmente no Imperio do Meio, muito antes que as dymnastias dos Hias e dos Changs lançassem os fundamentos da realza. (*Riso*). Todos os primos mais ou menos remotos do sol e da lua, desde o

sr. Ratisbona até o sr. Canindé (*hilaridade*), acordando sob um pesadelo, como o ministerio 6 de maio ante os trinta mil immigrants do sr. Carneiro da Rocha (*riso*), estremnharam em gritos de horror, a baforem estrepitosamente as iras do deus Fó contra os insolentes perturbadores do regimen do opio, que é a chave-mestra do edificio constitucional. (*Risadas*). O tam-tam reboou com valentia pela vasta legião da bandeira negra (*riso*); e Confucio... não os seus livros... não! a lettra redonda está condemnada: anathema seja quem ler! (*hilaridade*)... mas Confucio mesmo, o mestre dos mestres, o philosopho dos philosophos, o repositorio de toda a experiencia humana, foi dessepultado da tumba, onde repousava ha vinte quatro seculos (*hilaridade*), no cemiterio de Kung, immedições da cidade de Kiu-h-fow (*riso*), para receber o encargo, que lhe queriam confiar os homens assisados e os partidos regulares, de salvar a patria e, o que mais é, o patrimonio universal do senso commum, periclitantes ante a incursão das hordas libertadoras. (*Riso*).

Khong-fu-tseu, natural de Chang-Ping, na provincia de Chang-Thoung (*riso*), actidio aforçurado ao appello. Mas com que maravilha nos colheria de improviso a sua resurreição! Elle, que fôra chamado para oppôr a lentidão da sua prudencia á temeridade do seu antecessor, firma o seu advento ao poder na declaração de que nunca o accetaria, se não fosse para deitar a barra muito mais longe. (*Riso*). Os alliados, que o convidaram para conter o cyclone official,

que inquietava a tradição opipara dos ninhos de andorinha ás mesas dos mandarins (*riso*), reguingam agora, na ingrezia parlamentar, que a boa nova deste anno é muito mais adiantada; porquanto, sem se occupar com os ninhos appetecidos, propõe-se a abolir radicalmente as andorinhas desprezadas (*hilaridade*), e, por consequencia, como muito mais radical que a combinação de 1884, merece o apoio entusiastico dos que rejeitaram a combinação de 1884 precisamente pela demazia do seu radicalismo. (*Riso*). O Chim vestio-se de Tartaro: o invadido fardou-se pelo figurino do invasor. Quem se rendeu? Quem é a vencida? A invasão, ou a resistencia? (*Applausos*).

E essa estranha moxinifada parlamentar, esse *procura-quem-te-deu* do *abre-fecha-não-fecha* balburdiado pelo nobre presidente do conselho (*risadas*) que explicação tem, a que influxo obedece? Segundo as declarações mais positivas do nobre presidente do conselho, a emissão com a taxa addicional eram a parelha mais vigorosa do carro da reforma, aquella de que essencialmente dependia o seu curso victorioso. No mais s. ex. escancarava á competencia de todos os jockeys o hypodromo ministerial. (*Riso*). As joias dignas do plaustro de Appollo, as heroínas da brilhatura do gabinete, as duas *pur-sangs* para onde haviam de convergir todas as *poules*, eram aquelles dois mimos. (*Hilaridade*). *Atalanta* e *Damieta* chamavam-se taxa addicional e emissão. (*Riso*). A essas reservava, pois, s. ex. baias cuidadosamente cerradas e postas sob guarda segura. (*Riso*). Não obstante, nós

predissemos ao nobre presidente do conselho que o vehiculo daria com os burros n'agua (*hilaridade*); porque s. ex. não conseguiria jungir ao seu phaeton os tiradores robustos em que puzera a sua confiança. Senão quando, começam a toldar-se os horizontes do *sport*. (*Riso*). Um eminente deputado paulista, creador de primeira ordem (*riso*), pronuncia-se contra a pureza hypica dos dois corredores (*risadas*); as apostas entram a pender para o outro lado; e o honrado presidente do conselho *reabre a questão*; quero dizer: entrega a parrelha do triumpho á sorte do lazarento pranteado no celebre soneto do Tolentino. (*Hilaridade prolongada*). Enquanto, pois, o gabinete, nesse deslumbramento da sua simplicidade, recolhe a grande idéa á coudelaria do sr. Antonio Prado (*applausos*).... que resta de facto ao nobre presidente do conselho, senão os animaes do coice, o cingel do sr. Paulino de Souza? São elles os que têm de carrear o trophéu do ministerio 6 de maio no carroção conservador. (*Applausos*). Está dissipada, portanto, a illusão scenica: o prestigio da magia evocada para metter na pelle do abolicionismo a defesa da escravidão, desencantou-se. Os nossos adversarios reassumiram a sua figura real. Quem vingou, quem perdeu esta partida decisiva?

Certo que a nossa carreira não vai sem profundas mesclas de amargura. Sobre as cadeiras onde se senta o ministerio, avulta um symbolo de triumpho espantoso, expressão das *victorias* parlamentares do nobre presidente do conselho: um navio do trafico embandeirado

em gala e uma gargalheira encimada pelas cãs de um sexagenario. (*Applausos*). S. ex. pôde gabar-se de que tem debaixo dos seus botins a nação, a corôa e o partido liberal, graças á confraternização hybrida que o esteia na camara dos deputados. (*Applausos prolongados*).

Quem pôde invejar ao emerito estadista esta satisfação? Ella estabelece uma acareação funesta entre o *abolicionismo* de s. ex. demorando para d'aqui a cinco annos, sob condições onerosas ao escravo, a liberdade *gratuita e immediata* estipulada em favor dos sexagenarios no projecto Dantas, em contraste com o *corcundismo* de um velho chefe conservador, o Visconde de Muritiba, que, já em 1869, no conselho de estado, propunha a idade de *cincoenta e cinco annos* como o termo *incondicional* do captiveiro.

O proposito de reacção sobrepensada pelo ministerio 6 de maio contra a politica do ministerio 6 de junho accentua-se, de facto, com evidencia audacissima, com um antagonismo de blasonação provocadora, nas medidas adoptadas quanto ao captiveiro dos velhos. O gabinete Dantas, firmando a liberdade gratuita dos sexagenarios, abriu em favor delles uma excepção radiante: uma nesga de azul iriada pelo sol no horizonte da escravidão. (*Applausos*). Ella importava nada menos que a reintegração immediata de cem mil homens no direito commum da especie humana. O gabinete Saraiva inverteu essa excepção presaga de futuras conquistas: de *protectora* o nobre presidente do conselho converteu-a em *proscriptora* dos sexagenarios.

Franqueando a todas as gerações anteriores e posteriores a essa o beneficio geral do fundo de emancipação, o projecto 12 de maio isolou absolutamente no systema da emancipação retribuída pelo emancipando os escravos de sessenta annos; banio-os irremediavelmente da hypothese, extensiva a todas as outras idades, da alforria por liberalidade do erario; immobilisou-os na condemnação a um prazo de serviço fatal, que, attenta a accleração crescente do movimento abolicionista, será talvez o maximo tempo da existencia da instituição negra. (*Applausos*).

Emquanto a preferencia assegurada aos escravos mais idosos, até ao limite dos sessenta annos *exclusivamente*, acena ás idades que precedem a essa, marginando-a, com a probabilidade do resgate pela munificencia do Estado; emquanto, como o escravo de 59 annos, o de 50, o de 40, o de 30, o de 20 vêm aberta diante de si a possibilidade da redempção instantanea por interferencia do Thesouro,—o sexagenario, não sei porque contradicção de odio, ficará chumbado ao captiveiro por tres annos fataes, sem eventualidade mais de remissão, a não ser pela caridade particular, ou pelo proprio suor do libertando, crystalisado no peculio doloroso da escravidão aggravada pela velhice. Este projecto, pois, é a galé dos sexagenarios, a necrópole dos escravos velhos (*applausos*), postos fóra da lei, excluidos da justiça pela reforma de 1885, como que em pena da benevolencia com qué se amiserava delles a frustrada reforma de 1884. (*Applausos*).

A reforma *liberal* do nobre presidente do

conselho acaba n'uma valla mortuaria, a que s. ex. e os seus collaboradores arrastam pelas algemas os desventurados que o fundo de manumissão não tiver salvo antes de tocarem essa raia lugubre, onde principia a sombrejar o cyprestal do projecto. (*Applausos*). O que o ministerio actual faz, é offerecer a esses martyres do Harpagão agricola o desespero como vespera do tumulo, ao passo que o projecto vencido lhes preparava uma reconciliação com a humanidade. (*Applausos*).

E, depois de liberalisar esta compensação funebre á propriedade servil, pelo attentado com que, tendo-a reconhecido, a desacata, demarcando-lhe arbitrariamente o limite na idade de sessenta e cinco annos, ainda o nobre presidente do conselho se anima a dizer que o governo veria sem incommodo a approvação da emenda que restabelecesse, neste ponto, a idéa do seu antecessor. Pois o honrado estadista ignora que essa idéa, a pedra de escandalo do projecto Dantas, vencida na camara passada, vencedora nas eleições subsequentes, tem contra si um baluarte insuperavel na camara actual, onde a maioria se fabricou acintemente, por um processo de depurações sem escrupulo, sob o intuito manifestissimo de affiançar aos comissarios da lavoura o mallogro dessa tentativa abolicionista (*applausos*)... e que a respeitabilidade do nobre presidente do conselho, o seu nome incontaminado, foi a sombra, a cujo abrigo se conchavaram os comparsas nessa conspiração parlamentar contra o voto do paiz enunciado nas urnas? (*Applausos*).

A moção Penido, a dissolução de 1884, as alianças *agricolas* na campanha eleitoral, as maroscas da verificação de poderes, a vocação messianica do nobre presidente do conselho pelo concerto de Taubaté com a Barra Mansa, tudo isso tinha o fito no radicalismo abolicionista, contido em germen no projecto Dantas: a emancipação pura e simples dos sexagenarios. A indiferença do nobre presidente do conselho á eventualidade da revivescencia dessa idéa pelo voto do parlamento não traduz, pois, acquiescencia: é meramente a expressão da sua confiança na inverificabilidade dessa hypothese.

O ministerio usa e abusa da ironia. Direito é esse que individualmente não se póde contestar a algum dos ministros; mas que não assiste á entidade collectiva do governo, nas suas manifestações parlamentares, maxime n'uma questão que tão vivamente toca o sentimento humano e o pudor publico. Cavalheiro buscado, na tenda das suas cogitações silenciosas, pelos emissarios dos feudos sérvis, para os defender contra a brecha com que o abolicionismo ameaçava a grande propriedade na emancipação dos sexagenarios, o nobre presidente do conselho não póde forrar-se á responsabilidade temerosa da sua posição: restaurador da tranquillidade da lavoura, mas restaurador tambem da escravidão dos velhos. (*Applausos*).

Para o coração do homem menos accessivel á piedade e ao amor do proximo, *cem mil liberdades* não podem ser essa frioleira, indigna e incapaz de reviver no fundo das nossas sympathias a envelhecida raiz do entusiasmo.

(*Applausos*). E, para que a cabeça do estadista pudesse dominar taes emoções d'alma, era precisa toda a certeza, que s. ex. tem, de que as forças parlamentares que o sustentam não o tolerariam um momento, si acreditassem na tolerancia do honrado ministro para com a idéa Dantas, cuja debellação é a clausula fundamental do convenio que o mantém. (*Apoiados*).

A indiferença do nobre presidente do conselho a respeito da emenda abolicionista é, portanto, ironica : assemelha-se a esse *patriarchado* que se propõe aos sexagenarios, em troco da liberdade que lhes fraudam. (*Applausos*). O mistér, porém, de fazer cócegas aos senhores de escravos, de pascer os instinctos hilariantes da lavoura (*riso*), devia incumbir antes aos amigos subalternos do gabinete, aos que o nobre presidente do conselho classifica na categoria dos « obscuros deputados de provincia. » (*Riso*). Si as potencias cafeeiras carecem de rir, venha o sr. Soares, puxe as guitas aos *bonecos* do seu theatrinho (*risadas*); mostre-lhes o sacerdocio patriarchal dos sexagenarios nas fazendas, os Abrahões, os Jacobs, os Melchisedechs de gollilha e serapilheira (*risadas*), doutrinando aos netos a lei biblica da snbserviencia ao tagante do administrador.... e a gravidade do programma ministerial, a nota dramatica das tribulações dos que perderam a esperanza nas faces implacaveis do nobre presidente do conselho terá o seu entremez de gargalhadas á mesa lauta dos vencedores. (*Applausos*).

Como sabeis, porém, a emancipação, no projecto 12 de maio, é assumpto accessorio : a

materia principal, no projecto *abolicionista*, era o calafeto da grande propriedade mediante os titulos de renda, apoiados nos 5 % addicionaes. (*Riso*). Esta combinação é a que, na phrase do nobre presidente do conselho, « corresponde aos *sentimentos generosos* dos lavradores. » (*Riso*). Se s. ex. faz justiça a esta classe, essa generosidade recorda a *caridade* do abolicionismo musulmano. (*Riso*). Confessam os da lei de Mahomet que em verdade Allah prometteu recompensar, na outra vida, os que nesta emancipassem escravos; mas, discorrem elles piamente, como hão de os crentes merecer esses premios no paraizo, si neste mundo, não continuarem a possuir captivos. para se santificarem, libertando-os? (*Hilaridade*).

Como quer que seja, porém, o arcano miraculoso do projecto Saraiva escondia-se no art. 2.º, que concretisava a abnegação agricola dos fazendeiros na pecunia do imposto, consagrado á *barganha* de escravos por colonos. Ou muito me engano eu, ou esse *desinteresse* cheira de mais a azinhavre. (*Riso*). Mas, emfim, Kong-futseu, cuja escola... aureos tempos chinezes! (*riso*)... chegou a reunir discipulos aos milhares, interrogado uma vez por um delles sobre qual seria o seu primeiro empenho, si lhe commettessem a administração do Estado, respondeu com este verbo, que, de divino, chega a parecer simplacheirão: « O meu primeiro empenho seria *rectificar os nomes*: o bom governo está em que o chefe seja chefe e ministros os ministros. » (*Hilaridade*). Devo crer, pois, que o que se vae passando entre nós, é a regeneração do

paiz pelo chrisma geral de todas as coisas, incorrectamente baptisadas até hoje. (*Hilaridade*). Uma crise no vocabulario: o parto official de uma linguagem nova. (*Riso*). Provavelmente por isso é que o nobre presidente do conselho disse: «Si o meu projecto for substituido por outro, equivalente, ou melhor, não o reputarei condemnado.» Eis ahi, em toda a sua impenetrabilidade dogmatica, o mysterio que permittio a s. ex. cerrar a questão a sete sellos no art. 2.º, e, simultaneamente, nesse mesmo artigo, arrebentar-lhe gonzos e umbreiras, para franquear entrada larga á patrulha conservadora. Realmente a verdadeira missão do confuncianismo, que presentemente bemfeitorisa este Imperio, consiste, ao que parece, em um quináo doutoral ao proverbio de Musset: *Il faut q'une porte soit ouverte, ou fermée*. Outros contos, d'ora em diante! (*Riso*). O regimento parlamentar vae resar o contrario: *Porta aberta, trancada está*. (*Riso*). O ministerio salvador ha de passar aos vindoiros na immortalidade litteraria do novo annexim. (*Riso*).

Em summa, senhores, a reforma por excellencia *adeantada* foi-se, transubstanciando-se, pelo substitutivo A. Prado, mais caracterisadamente n'um projecto de estréas de bons annos aos *protectores* d.º. lavoira; trincadeira finissima, sob o envolvero de colonisação, que, si for de bons escravos amarellos, de genuina civilisação *coolie*, então será duplo gosto para as altas partes machinantes. (*Riso*).

A este proposito arguiram de contradictorio o nobre presidente do conselho; porque

s. ex. começara proclamando, como idéal, neste assumpto, o aviso Buarque, e rejeitara até o subsidio offerecido pelo sr. Andrade Figueira — pelo sr. Andrade Figueira ! — para o credito do paiz empenhado aos immigrants já em caminho do Brazil. Apresso-me em defesa do ministerio. (*Riso*). A corrente immigratoria, que o primeiro terço dos 5 % addicionaes attrahirá para aqui, não podia turvar o somno ao nobre presidente do conselho : ella será de uma insignificancia egual á acção *emancipadora* e ao movimento de *reorganização agricola*, que os outros dois terços nos promettem. (*Riso*).

Mil contos por anno (calculando em tres mil o producto da taxa addicional) equivalem a não mais de cem mil colonos no decennio em que a reforma tem de operar.

Os mil contos do segundo terço produzirão annualmente, no maximo, a liberdade de cincoenta mil escravos quinquagenarios.

Os mil remanescentes, logo que se offerçam ao governo oitenta mil escravos a libertar em troco das apolices de 5 %, ficarão captivos desde logo ao juro desses titulos. Orçado, com effeito, o escravo na média de 500.000, a indemnização em apolices, que corresponde á metade, perfará em oitenta mil resgatados, a somma nominal de vinte mil contos, cujo juro, a 5 %, importa em mil contos annuaes, total do terço do imposto consignado á remissão de escravos sob a clausula de serviço ulterior por cinco annos.

Cem mil colonos, pois, cincoenta mil alforrias sem onus e oitenta mil liberdades condi-

cionaes—isso no espaço de dez annos—: eis, na melhor hypothese, o balanço do projecto. (*Applausos*).

Já se disse: « As apolices não são para os lavradores onerados de dividas: o governo joeirá os capazes. » E o nobre presidente do conselho accrescentou: « Este beneficio é para os lavradores que possam confiar *na bondade da sua escravatura*. » Devo concluir, portanto, que vamos assistir a dois inqueritos nacionaes: um nos bancos e nas casas dos commissarios, para balancear a solubilidade dos estabelecimentos agricolas; outro nas fazendas, para discriminar aquellas onde o açoite e o tronco não deponham contra a *morigeração* dos escravos. (*Riso*). Veremos quem se salva. Depois ainda restará saber, dos escoimados, quantos estejam dispostos a estender mão de pretendente á caridade do credito official.

Poucos devem ser elles, se não mentem as informações do presidente da junta de qualificação de Barra-Mansa. Realmente, se (a crermos nessa autoridade) o trabalho do sexagenario produz 365 ₮ por anno, claro está que a indemnização offerecida não póde tentar o interesse aos senhores. O trabalho dos escravos vigorosos equivalerá necessariamente ao dobro, ao triplo, ou ao quadruplo dessa quantia. Tomemos, porém, o infimo limite possivel: o termo médio de quinhentos mil réis. A propriedade de cada escravo representará, por consequencia, uma producção de cinco contos em dez annos. Ora, o premio de uma apolice de 250 ₮ (adoptando, quanto ao valor do escravo, a média de

500 r) é de 12 r 500 annualmente, ou 125 r em dez annos, que, addicionados ao capital, completam 375 r . Accréscentemos-lhe 2:500 r , producto, em cinco annos, do trabalho do liberto nas condições da reforma, e teremos, ao todo, 2:875 r , como importancia total do valor com que se acena aos fazendeiros em troco dos 5:000 r , que, na hypothese mais desfavoravel, lhes asseguram os serviços do escravo. Para acceitarem o escambo, seria preciso attribuir aos possuidores de escravos a ignorancia das quatro operações. (*Riso*). E, porque alguns collaboradores da reforma sejam analphabetos em arithmetica, não se segue que tambem os lavradores não saibam sommar. (*Hilaridade*).

Não aconteceria, de certo, este logro ao nobre presidente do conselho, se s. ex. não confiasse tão ás cegas nos cooperadores garraios que, para uso do honrado senador, nacionalisaram escriptor britannico a Cucheval-Clarigny. (*Risadas*).

Nunca uma concepção politica alliou mais perfeitamente do que este projecto o odioso ao ridiculo. Como auxilio á lavoura encravilhada, é simplesmente um salva-vidas para os naufragos da imprevidencia, ou o jubileu da onzena hypothecaria. (*Apoiados*). Como vigorizador da parte ainda salvavel da nossa feudalidade agricola, seria um mecanismo de privilegio, uma caixa de seguro estabelecida em favor da opulencia. (*Apoiados*). Como reorganização do trabalho pela colonização estrangeira, sollicitada especialmente para ensaiar em grande a *barganha* de negros por europeus, não ha vellei-

dade mais irrisoria ; a não ser que o plano encubra uma larga experiencia de transfusão de sangue asiatico, para cruzar, nas veias do paiz, a hematia malaia com a hematia africana. (*Apoiados*). Como restaurador da producção nacional, é um rasgo do mais aviltante desprezo para com o Norte, cujas provincias serão atraçadas, se as suas deputações não acabarem, oppondo ao governo a mais desenganada negativa. (*Apoiados*). Como lei tributaria, consubstancia em si a iniquidade na sua insolencia suprema, extorquindo á plebe *taillable et corvéable* das classes laboriosas o fructo do trabalho livre, para adoçar a bocca aos mercadores do trabalho escravo. (*Applausos*). Como providencia financeira, convida-nos a um salto ao abysmo, neste regimen de bancarota addiada. (*Applausos*). Como obra democratica, é o socialismo ás avessas : a hypertrophia dos órgãos do Estado a beneficio, não das classes desprotegidas, mas da riqueza territorial : um balcão enorme, levantado na praça, em que o poder vai constituir-se o caixa de grandes fortunas particulares, e o governo, fazendo o jogo de largas preferencias pecuniarias, será alternativamente instrumento e arbitro de uma corrupção nova. (*Applausos*). Como aresto constitucional, assignala a subversão do nosso direito politico pela base das suas bases, — a autoridade parlamentar do imposto, invadida agora pelos decretos do executivo. (*Apoiados*). Como intuição do porvir, como exemplo de previsão reformista, é um acto de fé implicita no monopolio eterno da grande propriedade, — inconcebivel myopia ante

o prospecto da revolução proxima, inevitavel, com que a desenfeudação do solo, consequencia da emancipação do trabalho, não tardará em transformar a ordem antiga. (*Applausos*).

Para que a opinião pudesse empenhar-se, como os palmeadores do ministerio, vendo neste farrapo negro as cores do espectro solar, era preciso que o publico se submettesse ao prisma, por onde olham as coisas os pindaristas do projecto. Esses senhores tem a visão torta. (*Hilaridade*).

Se o nobre presidente do conselho dissolve os partidos, e baralha o parlamento, fazendo do apoio dos seus adversarios a condição da sua subsistencia no poder, é *para servir ao governo parlamentar*. Se demora a emancipação com uma reforma injusta e retardia, é *para ser util ao abolicionismo*. Se impõe aos libertos e aos sexagenarios uma escravidão nova, é exactamente *por amor de uns e outros*. (*Hilaridade*).

Bem sei que o captiveiro nunca outra coisa fez, senão beneficiar o escravo. (*Riso*). Isso, aqui e em toda a parte, hoje e em todos os tempos. Um pamphleto inglez, que, sob o titulo de *An Apology for Negro Slavery* teve diversas edições em Inglaterra, nos fins do seculo XVIII, já dizia: « O trafico é um commercio humano e civilizador do povo. O negro, que chega a uma das nossas ilhas, vae achar alli os seus mais caros e proximos parentes. Esses agradaveis e inesperados encontros são realmente maviosos, e excitam nos circumstantes impressões de suave ternura. » (*Hilaridade*).

Lembra-me, nas Memorias de Buxton, o destruidor da escravidão nas possessões britannicas, como Wilberforce fôra o exterminador do trafico africano, uma anedocta expressiva. Quando o grande libertador colligia os elementos de prova para os dez annos da sua campanha abolicionista, aconteceu almoçar um dia em sua casa uma familia que chegava das Antilhas inglezas. Um de seus hospedes floreava lyricamente o idyllio da escravidão nas Indias occidentaes. A crel-o, aquillo era, mais ou menos, o Eden dos negros. A incredulidade de Buxton levava o narrador a poetisar cada vez mais os episodios do seu devaneio, até, como ultimo argumento, invocar o testemunho da mulher: « Ora, dize-nos: não são felizes os escravos na Jamaica? »—« De certo », respondeu ella ingenuamente; « apenas me pareceu alli exquisito o costume de encadearem ao fogão os cosinheiros » (*Riso*).

Aquillo era tambem a beneficio dos cosinheiros. (*Riso*). Tanto, quanto é a beneficio dos escravos a reforma, pela qual o nobre presidente do conselho pretende assegurar uma existencia de quatorze annos á escravidão, a que, hoje ninguem dá sete annos de vida. (*Apoiados*).

E' realmente inexpugnavel este governo, com a arte de raciocinar que inventou para o seu uso. Quando acabamos de mostrar ao nobre presidente do conselho que a reforma 12 de maio é uma fortuna para a escravidão, cujas ruinas escora, e uma decepção para a o abolicionismo, s. ex. candidamente se espanta de que o abolicionismo negue o seu assentimento a *uma reforma aboli-*

cista. (Riso). Quando lhe perguntamos o motivo recondito, por que, emancipando incondicionalmente os menores de sessenta e os maiores de sessenta e cinco annos, submete os sexagenarios a um triennio de estado servil, s. ex. singularmente nos responde: « *Os sexagenarios, no projecto, são livres.* » (*Riso*). Quando, em prova de que a sua lei não porá termo á agitação libertadora, lhe apontamos sublevadas contra o projecto as forças da opinião popular que crearam a situação abolicionista, s. ex., com a confiança de um vidente, obtempera: « Esta reforma é o ponto final da questão. » (*Riso*).

Este systema dialectico pulverisaria a Copernico, a Kepler e a toda a astronomia moderna com o simples milagre de Josué. (*Risadas*).

Quando Harvey, no primeiro quartel do seculo XVII, demonstrou experimentalmente a circulação do sangue, os medicos de Paris desfecharam-lhe atravez da Mancha esta resposta fulminea: « O movimento circular, perfeito como é, só convem aos corpos simples como os astros. Ora, o sangue não é corpo simples; pois se compõe de quatro elementos. Logo, o movimento circular não pôde convir ao sangue. » (*Riso*). Aqui está como a pedantaria aristotelica da rotina esmaga, e desmoralisa os factos.

Isto já não é mais governo: é uma petição de principio encarnada em sete homens. (*Applausos*). E' o vazio logico. E' o farelorio a zombar da evidencia. (*Hilaridade*).

Poucos dias ha que, alludindo um deputado ao declinio do nosso credito em Londres

acudio o nobre presidente do conselho: « Isso provém de não termos resolvido ainda esta questão. » Logo, adoptado este projecto, o mercado britannico verá nelle o termo da questão servil? Pois, senhores, aqui vos trago o *Times* de 19 de junho proximo findo, que consagra *um artigo de fundo* ao projecto 12 de maio, e coteja a politica do nobre presidente do conselho com a do seu antecessor.

Esse *edictorial* principia assim (lê):

« O triumpho do ultimo organisador, o sr. Dantas, *teria exprimido a victoria dos abolicionistas*. A sua derrota prova que o paiz não é favoravel á abolição, e prefere medidas menos antagonicas aos intereses dos senhores de escravos. » *

E, depois de perscrutar miudamente o mecanismo do projecto Saraiva, conclue:

« Estas clausulas estabelecem a probabilidade de que o projecto vingará; *mas amesquinham o seu valor como providencia destinada a extinguir a escravidão*. Não ha, porém, de que se queixarem, se o revez do partido abolicionista não traz um projecto accetavel aos abolicionistas, e o triumpho parlamentar dos possuidores de escravos não promette a extincção do captiveiro. *Assaz sonoro é o titulo do projecto;*

* « The success of the late Premier, SENHOR DANTAS, would have marked the triumph of the abolitionists. His defeat is proof that the country is not in favour of abolition, but that it prefers some measure less entirely at variance with the slaveholders, interests. »

mas só illudirá a quem não se der ao trabalho de percorrer-lhe o contexto.» * (*Applausos*).

O nobre presidente do conselho, pois, não sabe do que vae por Londres, onde, já se vê, a grande imprensa da City considera esta reforma, não como a incognita do problema, mas como um brinde aos fazendeiros.

Ou neste artigo do *Times* andarão o dedo do ministerio passado? (*Hilaridade*). Engravitar-se o *Times*, e após elle o *Globe*, contra a reforma Saraiva! Como explicar o phenomeno? Ah! Creio que calhi agora na conta. Desconfio que esse edictorial é... meu. (*Hilaridade*).

Fechadas para nós, na rua do Sacramento, as casas da India, os *Greys*, os *Clarksons*, os *Wilberforces* hibernaram aqui no *Jornal do Commercio*, para transmigrar pelas margens do Thamisá no corpo da imprensa londrina (*hilaridade*)... ao soldo, já se sabe, do ministerio Salisbury-Churchill, compadres, provavelmente, do sr. Dantas. (*Risadas*). Sempre, senhores, polvora ingleza (*hilaridade*): hontem em salvas ao gabinete 6 de junho; hoje em fuzillaria ao ministerio 6 de maio. (*Hilaridade*). Jonh Bull,

* « These are among the clauses which make it not improbable that SENHOR SARAIVA 's Bill will pass, and which go far to reduce its value as a measure for the extinction of slavery. But it is useless to complain that a defeat of the abolitionist party is not followed by a Bill which an abolitionist could approve, or that the Parliamentary triumph of the slaveholders does not promise the extinction of slavery in reality as well as in name. The title of the Bill is fair-sounding enough; but it will mislead nobody who will be at the pains of reading the contents. »

desde o trafico, é o desmancha-prazeres das nossas fazendas ! (*Risadas*).

Emquanto, senhores, a Europa vê no projecto Dantas o triumpho da idéa abolicionista, aqui os trombeteiros do projecto 12 de maio resumem toda a defesa deste no abocanhamento systematico do outro. Nós, porém, não somos nenhuns fanaticos pelo projecto 15 de julho. Eu, que tive a honra de collaborar nelle, e fui, na camara dos deputados, o seu relator, rejeito hoje muitas das suas disposições. A indemnização pecuniaria, a tarifa de valores humanos, o tirocinio de trabalho forçado entre a escravidão e a liberdade são medidas a que hoje a minha consciencia se oppõe. (*Applausos*). Tão certo é que, na crise extrema por que vai passando esta questão, os annos valem seculos ! Mas o projecto Dantas encerrava em si essa gemma inestimavel, que ficará sendo uma corôa immorredoura para o seu autor : a manumissão instantanea de cem mil escravos. (*Applausos*).

Quantos liberta *incondicionalmente* o projecto 12 de maio ? Nenhum ! (*Applausos*).

Mataram, antes do debate parlamentar, o projecto 15 de julho, para não discutil-o, porque os assustava o prestigio do principio que elle representa; e agora, retirado esse projecto da arena da questão, abrem torneio contra o desarmado, contra o ausente, contra o proscripto, sujeito assim a uma devassa posthuma ! (*Applausos*).

Esta diversão perfida não lhes aproveitará. O processo que o paiz tem de julgar, é o do projecto 12 de maio, Quasimodo, em que a alma christã do protogonista do poema de Nossa

Senhora de Pariz foi substituida pelo genio diabolico da escravidão. (*Applausos*).

Este projecto fere o escravo na mais santa das propriedades: os direitos do peculio instituido pela lei de 1871. Deroga segunda vez a lei de 28 de setembro, avaliando em *quatorze annos* de serviço, *no anno de 1885*, o resgate do captivo, que a reforma Rio-Branco, ha quatorze annos, estipulava *em sete*; isto é, *quadruplica*, eleva *de sete a vinte e oito annos* o preço da liberdade. (*Apoiados*). Aniquila as instituições constitucionaes na garantia suprema do governo do povo pelo povo, delegando ao executivo a prerogativa de distribuir impostos. Cria, ainda contra a Constituição do Imperio, para os libertos, um regimen temporario de servidão, incapacidade e morte civil. Deroga, terceira vez, a lei organica do paiz, mandando cobrar immediatamente o novo imposto, antes que o orçamento o consigne. Funda um mecanismo de emprestimos periodicos e tributos continuos, engravescendo, a beneficio de uma classe, a extenuação do thesouro e a indigencia dos contribuintes. Paralyza com uma ignominiosa tarifa a depreciação gradual do valor escravo, prolongando os dias ao captiveiro. Impossibilita a immigração, designando no colono um substituto do braço servil nos grandes domínios senhoriaes: aviso que ha de edificar a Europa. Fecha os olhos á situação dos ingenuos, assegurando á instituição negra uma projecção indefinida, uma sobrevivencia que invadiria o seculo XX. (*Applausos*).

E houve parlamento, que votasse essa

indignidade! (*Applausos*). E não resurge aqui a eloquencia de Wendell Philipps, para vibrar aquella apostrophe tremenda do grande orador contra a politica escravista do congresso americano, dominado pelos creadores de escravos: « Um capitolio cheio de covardes e traidores, para opprimirem e arruinarem os homens de bem. » (*Applausos*).

Accusem-me embora de exagitado na linguagem; eu sei, e sustento que ella é rigorosamente justa. (*Applausos*). Ainda ha poucos dias, folheando a vida de Wilberforce, verdadeiro evangelho de misericordia, abnegação e doçura, lá se me depararam, a proposito de uma votação, na camara dos communs, favoravel aos interesses do africanismo, estas palavras daquelle coração, que foi, em toda a sua carreira, um favo de suavissima caridade: « Neste voto não posso deixar de ver um serio argumento pela reforma parlamentar. *E' um voto infame.* » (*Applausos*).

Na victoria, porém, que o gabinete acaba de dar á reacção, não sei o que mais indignação provoque: se os fins e os resultados; se o methodo e os meios.

Em torno do nome do nobre presidente do conselho, que foi o santo e a senha da alliança contra o projecto 15 de julho, conservadores soffregos e liberaes desvairados celebraram o tripudio de bodas, junto á lareira da escravidão. Para que o cheiro das victimas sacrificadas não denunciasses os segredos do rito, saturou-se de incenso o ambiente, e começou-se a entoar o poema dos beneficios da reforma, antes que do

cerebro do semi-deus estalasse a Pallas da nova era. (*Riso*). A sensibilidade do cambio impressionou-se durante um millionesimo de segundo (*riso*), e o thermometro accusou uma differença infinitesima de calor na temperatura do agio. (*Hilaridade*). Eram influxos do projecto, que, antes de nado, já começava a actuar, *como la medicina de Fernando, que desde la botica venia obrando*. (*Risadas*). A camara dos deputados estava encenada para o caso. (*Riso*). O nobre presidente do conselho naturalmente conhecia o chão onde pisava: aliás não se explicaria, em varão tão prudente, a instantaneidade da sua annuência ao convite da corôa. (*Apoiados*). Desde então o honrado ministro poderia proferir, naturalmente proferio no seu fôro intimo, aquelle desafio, com que mais tarde affrontou o parlamento: « *Isto é lei! Nunca tive duvida de que o fosse.* » E, para que isso venha a ser lei, os bastidores da Cadeia Velha têm assombrado o paiz com uma serie de surpresas, que fazem deste periodo legislativo a *great attraction* do reinado actual.

Nunca se vira chefe de partido reclamar dictadura semelhante, utilizando-se dos galões do seu generalato, para fazer em nome da sua bandeira uma reforma imposta pelo inimigo. (*Applausos*).

Dous elementos o ajudaram nesta façanha: a demencia da escravidão, de que está possessa uma fracção liberal (*applausos*), e, entre os conservadores, a certeza de que este ministerio é a sua guarda avançada para a conquista do poder; porque a politica do ministerio 6 de maio simul-

taneamente se affigura á astucia de uns como a escada para o assalto, á simpleza de outros como a trincheira de defesa. D'ahi este amalgama indenominavel, em que os melhores amigos do ministerio *liberal* são os mais entranhados inimigos do partido liberal; em que individuos eleitos por odio ao abolicionismo abraçam, em nome dos seus eleitores, como *mais abolicionista que o projecto Dantas* o projecto Saraiva: em que procuradores nomeados pelo povo, para guardarem a sua fazenda, vendem litteralmente a confiança dos seus constituintes, dizendo: « Estes impostos não prestam; mas, por conveniencias parlamentares, transigimos com elles. » (*Applausos*). D'ahi, em summa, este gabinete Panurgio, sem o espirito do heróe pantagruelino, mas com o carrilhão de Rabelais a bimbalar-lhe na cabeça o sim abolicionista para o sr. Joaquim Nabuco e o não conservador para o sr. Andrade Figueira. D'ahi esta camara de lanigeros, a pre-pitar-se de cambalhada atraz do primeiro Zé submergido, como os carneiros de Dindenault; « *pa ce que c'est du mouton le naturel toujours suivre le premier, quelque part qu'il aille.* » (*Hilaridade*).

Faço justiça á honestidade, á seriedade, á sinceridade do nobre presidente do conselho. Mas s. ex. é, pelo menos, victima de uma hallucinação deploravel e de uma *duperie* colossal; porque nunca se ensaiou em tamanha escala, neste paiz, a comedia da hypocrisia politica. (*Applausos*).

O *omnia serviliter* de Tacito desbota-se ante este quadro de dissolução das consciencias que

nos governam, reflexo do captiveiro na representação nacional. (*Applausos*). O parlamento ter-se-hia convertido em miseravel logar de desprezo publico, se um grande protesto, erguido no seu seio, não reconciliasse os patriotas com a grande instituição : refiro-me ao grupo abolicionista, condensação brilhante de talento, humanidade e character. (*Applausos*).

A essa lastimosa responsabilidade ligou o seu nome o ministerio 6 de maio. E isso para que? Lucta realmente por uma reforma? Não : o que se vai decretar, é apenas uma *autorisação*, que qualquer governo ulterior poderá inutilisar. (*Applausos*).

Solda a união do seu partido ?

Muito vale, senhores, a união do meu partido ; mas mais vale a união da minha consciencia com a consciencia de meu paiz. Quando em nome da reconciliação da grande patria americana se adyogava, nos Estados-Unidos, a concendendencia com o Sul, o grande orgão do abolicionismo na tribuna popular respondia : « Se a União nos creasse todos os mezes as minas de Golconda, fizesse dos cidadãos deste paiz outros tantos Salomões, e nos dêsse a cada um de nós a tranquillidade dos anjos na côrte do céu, — afferrarmo-nos a ella seria, ainda assim, um execrando crime, odioso a Deus, emquanto o cimento da União houvesse de ser o sangue da raça negra. » (*Applausos*).

Nós pensamos do mesmo modo. Mas nem esse serviço partidario pôde allegar o nobre presidente do conselho. S. ex. retalhou o partido liberal, não, é verdade, na sua grande massa

extra-parlamentar, porque o partido liberal repelle a politica escravista do ministerio 6 de maio (*applausos*), mas, na camara dos deputados, quanto bastante para consummar a reforma conservadora que alli se perpetra, sob a feitoria no nobre presidente do conselho e a alta superintendencia do sr. Antonio Prado. (*Applausos*).

Assegura s. ex., sequer, a si o governo? Não: ageita-o para o partido adverso. O seu governo assenta nos conservadores, que vêm neste gabinete um precursar do seu advento proximo, um executor dos seus calculos, incumbido de complanar-lhe o caminho, foiçar-lhe os cardos, chapotar-lhe o silvedo liberal, que o emmaranha, esmoital-o das lianas pujantes, com que o enreda a questão servil, deixando apenas aos seus adversarios o oiro, o azul e a purpura das orchidéas fluorescentes, com que o sonho do poder enfeitiça os prelibadores do seu gozo. (*Applausos*). Um ministerio liberal descartar-nos-ha do problema servil, dizem os conservadores, no seu apoucado espirito: *un diavolo caccia l'altro*. (*Riso*).

Os selvagens costumam engordar os seus prisioneiros, antes de devoral-os, segredava, dias ha, um deputado conservador, ex-ministrô de Estado, que acabava de proferir um discurso apologetico á politica do gabinete. (*Hilaridade*). E, já ha mais de tres seculos, contava o nosso D. Francisco Manoel, nos seus *Apologos Dialogaes*, que costume semelhante observam os abbades com as victimas predilectas do refeitorio conventual. (*Risadas*). Ora, atravez dos appendices opticos do sr. Mac Dowell, confidente, ao

que se diz, do nobre presidente do conselho, vejo transluzirem-lhe não sei que mal soffreados instinctos de prior benedictino. (*Risadas*).

Attribue o nobre senador estes salamaleques publicos da gente conservadora diante de s. ex. a um respeito sincero? Sincero respeito era o de que gozava o honrado estadista entre os amigos, cuja adhesão desprezou pela desses. Elles não o poupam senão como a um fidei-commissario do poder, que lhe deixam nas mãos sob penhor. O sr. conselheiro Saraiva está prisioneiro dos seus adversarios; e, votado nas duas camaras o projecto, se a consciencia não obrigar o nobre presidente do conselho a desamparal-o, antes disso, em meio da jornada, —ou s. ex. espontaneamente se exonerará do governo, deixando aos *inimigos seus amigos* a execução, isto é, a annullação da sua lei; — ou elles o exonerarão, retirando-lhe para logo a maioria parlamentar. Porque (só s. ex. o não presente) o dia seguinte a esta reforma retrocedente é a Pojuca (*hilaridade*).... a Pojuca, com os seus canaviaes, as suas meladuras e o seu esquecimento. (*Applausos*).

Quem não esquecerá, é o abolicionismo; porque elle assumio o compromisso de tranquilisar o paiz, e ha de fazel-o.

D'entre a tendencia, realmente, que essa idéa encarna e a tendencia opposta, qual dellas representa a ordem social, qual a subversão economica e politica da sociedade humana? Com a historia nas mãos vos digo: é o abolicionismo que nortêa o progresso pacifico; é o escravismo que incuba as commoções revolu-

cionarias. Na influencia da sua agitação, na orientação dos seus intuitos, no escopo e no effeito dos seus programmas, o partido libertador, em todos os seus matizes, até ao mais intemerato radicalismo, personifica, e personificou sempre, a evolução civilisadora. (*Applausos*).

O immobilismo dos exploradores do trabalho servil: eis a desordem, com o seu séquito infinito de miserias, desde a eliminação da consciencia moral até á fallencia do Estado. (*Applausos*). E' sempre em nome da tranquillidade publica que elle ergue a voz. Mas nunca o pude ver nesses lances de exaltação conservadora, que se não me despertasse a imagem da decrepidez monomaniaca, entre as paredes vacillantes de um edificio esboroado, delirando iracunda pela estabilidade do predio e pela segurança de seus habitantes, contra os operarios da reconstrucção, que vêm trazer ás ruinas mal seguras a solidez, a commodidade, a hygiene e a belleza.

A legenda de terror incendiario, com que hoje os interessados na escravidão procuram especialisar o abolicionismo radical, é a mesma com que, ha quatorze annos, se calumniava o primeiro tentamen de emancipação gradual no Brazil, não obstante as proporções timidissimas dessa refórma em que ficou burilado o nome do visconde do Rio Branco. Os sophismas com que presentemente se descreve a propoganda que eu poderia individualisar com os nomes de Joaquim Nabuco e José do Patrocinio, são essencial e litteralmente identicos aos com que o *Diario do Brazil* se oppõe ao sr. Saraiva, aos com que

os adeptos actuaes do sr. Saraiva combattiam o anno passado o projecto Dantas, aos com que a dissidencia conservadora guerreava, em 1871, a redempção dos nascituros, aos com que os agentes da pirataria negra embaraçaram, até 1850, nas nossas camaras e no nosso governo, a suppressão do trafico.

Não cabe aos abolicionistas, em parte nenhuma do mundo, a responsabilidade dos contratempos que, n'algumas localidades, annuviaram a redempção dos escravos. Os documentos officiaes e as declarações dos estadistas, na America, na Inglaterra, na França, demonstram que a pervicacia, o desatino, a selvageria dos proprietarios foram, em todos os paizes, a causa dos males, cuja origem se pretende imputar á intempestividade das reformas e á incivilisabilidade dos libertos. (*Apoiados geraes*). Em toda a parte a grande propriedade vaticinou que a liberdade dos negros seria a extincção da agricultura; e, quasi por toda a parte, attestam-n'o os monumentos historicos, os autores do prognostico pavoroso envidaram, voluntaria ou involuntariamente, os esforços mais efficazes para que o futuro lhes não desmoralisasse as prophcias.

Legitimamente posso concluir, pois: o abolicionismo é a reparação prosperadora; a resistencia servil é a revolução depauperativa. (*Applausos*).

A cegueira dos que não percebem esta realidade elementar, dos que não apprehendem esta evidencia, explica-se por um facto psychologica: a profunda alteração da mentalidade

individual e das faculdades sociaes, a perda organica de substancia humana operada nos povos que o captiveiro desnaturou. Uma nacionalidade sustentada pela escravidão occupa, na escala moral, aquelle gráo em que o homem confina com as sociedades animaes. (*Applausos*).

Vêde o que se passa no mundo microscopico das formigas. Lubbock, nos seus sabios estudos sobre essas creaturas de intelligencia admiravelmente desenvolvida,* descreve no *polyergus rufescens* o exemplo mais expressivo da degenerescencia que o captiveiro produz. Os costumes e a organização social desses insectos assentam na escravidão. A consequencia é que até a sua structura anatomica se alterou profundamente; as mandibulas perderam os dentes; a mór parte dos seus instinctos uteis desappareceram: a sua arte, a aptidão edificadora; os seus habitos domesticos, que se trasladaram ás suas escravas, incumbidas absolutamente da criação da prole; a sua industria, desamparada inteiramente ás captivas, encarregadas de todo o serviço do abastecimento quotidiano. Se mudam de residencia, são transportadas ás costas das escravas. Nem sequer sabem alimentar-se. Se as isolardes das suas captivas, ainda que as colloqueis ao lado de uma copiosa provisão de mel, perecem, por não saber utilisal-o. Por mais acanhada que seja a prisão onde as tiverdes, observa o illustre naturalista inglez, por mais ampla que seja a abundancia de viveres, essas estupidas creaturas

* SIR JOHN LUBBOCK: *Fourmis, abeilles et guêpes*, tomo I, pags. 70—78.

expirariam no seio da abundancia, não sabendo servir-se do alimento. Não conheço, diz Lubbock, em toda a natureza, outro caso de um animal que perdesse o instincto de comer. Só neste ponto é que as sociedades escravistas de homens não se parecem ás associações escravistas de formigas. O escravizador de creaturas humanas não philosopha; mas sabe viver: ceva-se bem, e não precisa que lhe levem os accepipes á bocca. (*Riso*).

Ao abolicionismo accusam-n'o de philosophar demais, e divagar por abstracções da ideologia. Mas não é a nós que se ajusta essa taxa. Ideologos são antes os homens da reacção, cuja teimosia pretende contrariar a vivacidade deste movimento com os idolos e o gusano da velha rotina escravista, estrondosamente desacreditada por toda a historia do seculo XIX. (*Apoiados*). Ideologos são os empiristas politicos, que riem á face da experiencia contemporanea, cujo veio precioso os livros occultam aos pensadores que não lêem (*riso; apoiados*), e capacitam-se de que a solução do problema servil seja uma therapeutica de benzedadeiras d'aldeia, um segredo de fazendeiros aprendido no cafetal dos vizinhos (*applausos*); como se a propriedade negra, esta obliteração essencial da consciencia humana, esta amaurose moral, pudesse possuir em si mesma a sciencia da sua cura.

Se esses metaphysicos do captiveiro recorrem á technologia das investigações positivas; se nos fallam em caracteres ethnicos, que predestinem invencivelmente certas raças á escravidão; se cuidam embargar o impulso ás nossas

aspirações, invocando as leis evolutivas e os methodos inductivos, cuja superioridade começa a impôr-se á administração dos Estados modernos,— é que, de tudo isso, não aprenderam senão o palavreado, como essas aves da fauna tropical, em que o sr. Joaquim Nabuco celebrou a faculdade apprehensora de supprirem com os pés a ausencia de mãos, e em que não menos se caracteriza a habilidade parlamentar da inconsciencia palradora. (*Riso*).

Os abolicionistas acreditamos na adaptabilidade extraordinaria da raça negra ás instituições civilizadas. E é a sciencia que nos inspira essa fé. O aparelho pensante dessa familia humana desenvolve-se admiravelmente sob a influencia da liberdade. No livro de Bordier sobre a *Colonisação Scientifica*, encontrava eu, ha dias, a este respeito, uma observação eloquente. A intelligencia da raça negra expande-se a tal ponto, sob a acção da liberdade (pondera o eminente professor de geographia medica na Escola de Anthropologia); em tanta maneira se exaltam as suas funcções cerebraes, que, por uma consequencia forçosa dessa lei, segundo a qual as probabilidades de molestia, em relação a um orgão, crescem na razão directa do uso que d'elle se faz, o encephalo dos negros livres adoce muito mais a miudo que o dos escravos. A frequencia da alienação mental, que, entre os captivos, é de 0,10 por 1,000, sobe a 0,71 por 1,000 entre os pretos emancipados, quando entre os brancos não vai além de 0,76.

Este depoimento da physiologia e da patho-

logia cerebral a favor do negro, vale sempre alguma cousa mais que o banzé das declamações escravistas. (*Apoiados*).

Quando, porém, não dispuzessemos de dados scientificos, que se poderiam multiplicar indefinidamente; quando estivesse provada a inferioridade irreparavel dos descendentes de Africa, sempre subsistiria por nós a réplica intreplicavel de Jefferson :

« Qualquer que seja o gráo de entendimento do negro, não ha de ser essa a medida dos seus direitos. Sir Isaac Newton, tão sobranceiro em genio aos seus contemporaneos, nem por isso nasceu para senhor dos seus semelhantes. » (*Applausos*).

E' das aptidões moraes que me fallam? Mas onde está, a esse respeito, a superioridade da raça escravizadora? Procuro-a entre as mais elevadas eminencias sociaes, e vejo, por toda a parte, entre nós, um entibiamento geral do character. Homens, em vasto numero, conhecemos todos nós nas posições mais invejadas — na magistratura, na administração, na representação nacional, deputados, senadores, conselheiros da corôa — que eu diria talhados para escravos (*apoiados geraes*)... si fosse capaz de insultar o infortunio que essa palavra traduz. (*Applausos*). Lembram o verso de Hugo na bôca de Ruy Blas:

J'ai l'habit d'un laquais, mais vous en avez l'âme.

(*Applausos*.)

Por outro lado, quantas vezes não vemos illuminar-se o fundo da escravidão com um

rasgo de lealdade, de gratidão, de caridade, de heroísmo, digno de irradiar nas mais bellas altitudes da consciencia humana ! Que thesouros de paciencia, de esperanza, de perdão se não escondem nesses abysmos obscuros ! (*Applausos*). Entre os resgatados, que de cidadãos bemfazejos, influentes, venerados, exemplares, cheios de superioridade e rodeados de admiração ! Para não nomear vivos, lembrarei apenas Luiz Gama ... (*Applausos repetidos*). Uma das raras fortunas de minha vida é a de ter cultivado intimamente a sua amisade, em lutas que nunca esquecerei. Um coração de anjo, uma alma que era a harpa eolia de todos os soffrimentos da oppressão ; um espirito genial ; uma torrente de eloquencia, de dialectica e de graça ; um character adamantino, cidadão para a Roma antiga, inacclimavel no Baixo Imperio ; uma abnegação de apostolo : personalidade de granito, aureolado de luz e povoado pelas abelhas do Hymeto. (*Applausos*).

Se eu houvesse de escrever-lhe o epitaphio, iria pedir este ao poeta da *Legenda dos Seculos* :

De verre pour gémir, d'airain pour résister.

(*Applausos*).

Se os abolicionistas entendemos que o paiz soffrerá muito menos com a suppressão, ainda mesmo immediata, do trabalho servil, do que com a demora desta restituição já retardadissima, essa certeza funda-se precisamente n'uma elaboraçãõ inductiva, no resultado de um processo scientifico, isto é, na constancia

dos factos observados, no criterio historico da experiencia apurada até hoje.

Ainda o anno passado lord Derby (e é estadista de origem conservadora) pronunciava-se nestes termos :

« A não ser n'algum ponto em que fossem desarrazoadamente exageradas, as expectativas favoraveis á raça negra não se illudiriam. Nós hoje apreciamos, talvez mais correctamente, a influencia do atavismo, do que os homens de ha meio seculo. Quando consideramos que a população negra das nossas colonias viveu escrava por uma ou duas gerações, e era absolutamente selvagem antes de ser escravizada, o que me espanta, não é que ella ficasse abaixo do typo da civilização européa, mas que tanto tenha feito, como tem, pelo seu proprio desenvolvimento. Na Barbada os negros trabalham tão perseverantemente, como os lavradares inglezes. Na Jamaica ha um vasto exodo de negros, que espontaneamente emigram para o penoso trabalho e o clima insalubre do isthmo de Panamá, tentados pela elevada taxa do salario. Em algumas ilhas reconheço que a sua situação resente-se de certo torpor; mas, em todo o caso, são quietos, pacificos, não exigindo senão que os deixem grangear a vida tranquillamente. » *

Redargúem-nos que a dureza das nações européas, para com as suas colonias, não póde servir de modelo á politica do Brazil para consigo mesmo. Mas era a ruina das colonias só-

* *Times, weekly edition*, 8 de agosto de 1884, pag. 6.

mente o que, na Europa, se agoirava da emancipação dos escravos? Não; era a ruina das metropoles. Ainda o anno passado, lord Granville o attestava. Dizia elle, no *Jubileu abolitionista* :

« Estadistas allegaram a coarctada miseravel de que o direito de propriedade se oppunha á abolição do captiveiro. Commerciantes advogaram a escravidão, affirmando a legitimidade dos seus interesses. E todos esses, convencidamente, prediziam que a abolição do trafico seria a ruina completa *desta grande metropole.* »

E o *Times*, commentando estas palavras, reflectia :

« A quem poderão mais incutir susto predicções taes? A maior obra da reforma eleitoral de 1832, de onde se auspiciava a *destruição da monarchia e a ruina deste paiz*, foi a abolição da escravidão; e, cincoenta annos depois desse grande feito, o principe de Galles preside a uma grande assembléa de conterraneos seus, em que não se ouve uma voz discorde, todos os partidos, seitas e credos se representam, para commemorar a famosa reforma, e exortar os seus concidadãos a novos esforços por essa nobre causa. » *

Senhores, eu inverteo a formula com que costumam rebater-nos.

Objectam-nos que a Europa fazia a experiencia na pelle estranha, ao passo que nós

* *Times, weekly edition*, 8 de agosto de 1884, pag. 6.

temos de levar a lanceta á fibra viva do nosso proprio corpo.

Se quizermos, porém, raciocinar como economistas e homens de governo, a disparidade dos casos entre nós e as nações européas não conclue senão contra os nossos antagonistas.

A indemnisação pecuniaria, que, allegam, foi o principio dominante na emancipação do trabalho colonial, tinha alli sua explicação de equidade, sua explicação politica, sua explicação economica: — explicação de equidade em que a metropole, que impuzera ás colonias o trafico, expiava o seu crime, resarcindo aos colonos o damno proueniente da suppressão de um estado social que ella creára; — explicação politica em que, tratando-se de sociedades subjugadas, a prudencia aconselhava contemporisar com os interesses estabelecidos, não facilitar ás rivalidades que a dependencia gera, aos instinctos separatistas, o alimento de uma irritação combatida pela violencia, o pretexto, sequer, de uma apparencia de direito ferido; — explicação economica em que, pretendendo-se compensar, a expensas da fortuna metropolitana, os prejuizos soffridos na propriedade colonial, havia uma sociedade que padecia, outra que reparava, e, nesse caso, comprehende-se a compensação; porque era o capital superabundante de uma acudindo ao desfalcado capital da outra. (*Apoiados*). Aqui, porém, somos uma sociedade só, uma entidade indivisivel, um unico orçamento. Quem paga? Quem recebe? Logo, se com a indemnisação pecuniaria o que tencionaes, é amparar a fortuna publica, a solução que pró-

pondes, constitue um circulo vicioso ; porquanto da mesma fortuna publica tem de sahir o soccorro : subtrahis á algibeira direita, para supprir á esquerda. (*Apoiados geraes*).

Mal avisadamente suppõe a resistencia que cada anno de espera imposta ás aspirações reformistas é um anno de vida ganho para a escravidão. Inepto ardil ! Todo esse tempo consumido em dilações ha de ser fatalmente descontado á existencia do captiveiro. (*Applausos*).

Em 1884 ainda os nossos homens de estado, pela maior parte, receiavam o titulo de abolicionistas. Hoje é preciso inculcarem-se abolicionistas, para hostilisar solapadamente o abolicionismo. (*Applausos*). O anno passado a reforma Dantas era um lance de intrepida affoiteza ; este anno já ella não satisfaria ao proprio sr. Dantas. (*Applausos*). Cada anno que se perde, é mais uma difficuldade para a transacção e um serviço á intransigencia abolicionista. Póde tardar a reforma ; mas quanto mais tarde vier, mais radical será. (*Apoiados*).

Doze mezes mais cedo ainda o movimento libertador podia acceitar, em termos, a indemnização pecuniaria. Hoje inexoravelmente a repelle, e póde assegurar ao paiz que ella não prevalecerá. (*Applausos*).

A' vespera da dissolução do parlamento, ainda nos parecia uma conquista preciosa um projecto tendente a acabar com o elemento servil em dez annos. Agora já esse prazo soffreu, nos espiritos, uma redução pelo menos de um terço. (*Apoiados*).

A extincção progressiva da propriedade

negra por uma escala de depreciação gradual no seu valor era, ha um anno, aos olhos do paiz, uma grande medida. Presentemente já não nos satisfaz senão um systema, como o do senador Ottoni, que traga annualmente ao seio da liberdade uma vasta parte da raça escravizada. (*Applausos*).

O projecto 12 de maio é uma especie de despertador, com que o nobre presidente do conselho imagina assegurar á lavoura largo somno sem sobresaltos. Tem corda para quatorze annos, diz-lhe s. ex. E, emquanto ella dure, suppõe elle a que as leis do mundo moral cessarão de funcionar; que as idéas se deterão no seu curso sideral, em homenagem á gloria do seu gabinete; que a nossa esphera politica deixará de gravitar para o abolicionismo, cuja massa crescente a attrae com uma celeridade cada vez mais vertiginosa. (*Applausos*).

E o honrado estadista diz: « Talvez amanhã já me não admittam mais para chefe. » Mas que é o que constitue os chefes, senão a sua proeminencia no serviço das aspirações de um partido? A aspiração liberal exprime-se neste projecto? Não, nunca! Este projecto é a mais insigne deserção. E' o repudio solemne da nossa bandeira: *il gran rifiuto*. (*Applausos*).

Esta politica, onde se sente chiar o carroção do engenho, pôde servir de engodo ás guelas da *tintureira* conservadora. (*Riso*). Mas o partido liberal repelle-a, indignado. Quando os capatazes do grupo Zé o tiverem entregado, com armas e bagagens, ao inimigo, liberalismo e abolição serão nomes de uma só realidade. (*Applausos*).

O partido liberal acompanha principios, não individuos. A opinião liberal não se matrimoniou ao nobre presidente do conselho com as palavras das desposadas romanas, ao penetrarem na casa nupcial: *Ubi tu Caius, ibi ego Caia.* (*Applausos*). A disciplina partidaria não nos reduz á condição de *valets à tout faire*.

Nós conhecemos os trabalhos de Hercules do honrado estadista. Foi um dia a hydra do Poder Pessoal... (*Riso*). S. ex. piamente o crê. Nós, pelo contrario, estamos certos de que a lei dos circulos consuma a organização do Poder Pessoal pela degradação systematica do parlamento. (*Apoiados*). Quando, porém, assista razão ao nobre presidente do conselho, não teremos lucrado apreciavelmente, trocando apenas o poder pessoal do rei pelo dos ministros que desconhecem partidos e principios, e organizam o seu estado maior com a nata das incapacidades que lhes fornece o circulo dos seus amigos particulares. (*Applausos*). A influencia inconstitucional do monarcha não é mais immoral, nem mais damninha do que a das ante-camaras dos dictadores, do que a das camarilhas ministeriaes, do que a da colligação negreira. (*Applausos*).

As primeiras palavras dirigidas pelo nobre presidente do conselho á opinião abolicionista foram palavras de seducção. O seu programma consistia em desopprimir-nos da *avareza* do projecto 15 de julho. Era o caso do transeunte repentinamente namorado das graças de gentil andaluza, que se estava ao umbral de uma porta, entreenvolta na sua mantilha. Duas, tres vezes passou por ella, suspenso dos seus

olhos o improvisado admirador, sem que elles lhe reparassem no enleio ; até que, acercando-se da bella, o embevecido cavalheiro lhe requebrou esta pergunta: *Mi alma sirvo de algo?*—*De estorbo*, respondeu-lhe a dama, sem volver a cabeça. (*Riso*).

Quando o illustre senador se convenceu de que nós não nos deixavamos captar pelo rotulo liberal da reforma; quando vio que a opinião abolicionista o considerava apenas *como obstaculo*, então deixou cahir aquella formidavel declaração de guerra, que nos endereçou, protestando que havia de *inutilisar o partido abolicionista*. E como leva a effeito o seu intento? Contribuindo para a agitação abolicionista com um contingente tal, que eleva o nobre presidente do conselho á altura do maior benemerito do abolicionismo, neste paiz, depois do sr. Andrade Figueira. (*Hilaridade*).

O projecto 12 de maio, realmente, destinado, na concepção dos seus autores, a *tranquillisar a lavoura*, é, ao revez disso, um fermento de ebulição popular, uma medida revolucionaria. (*Apoiados*).

Faltava ao nosso movimento, até agora, esta fibra eminentemente vibratil: a illegitimidade do imposto, que operou a revolução americana e a revolução ingleza. Não menos illegitimo do que o imposto decretado sem acto legislativo, é o imposto cuja inconveniencia se confessa pela propria maioria parlamentar que o adoptou. Não menos illegitimo é o que se extorpe para a algibeira de um

despota, do que o que se consigna á satisfação de uma classe privilegiada. (*Applausos*).

A nação repelle este imposto; e o ministerio 6 de maio, pondo nelle a mola real da sua reforma, cria, contra os interesses que pretende zelar, uma machina de revolução. Este imposto ha de ser amanhã o nosso terreno de combate. (*Applausos*). Aceita a premissa, que o nobre presidente do conselho se empenha em firmar, de que não ha outra base, senão essa, para a *emancipação por transacção*, o paiz, que não pôde pactuar com a iniquidade dessa clausula, acabará por deliberar a abolição incondicional. (*Applausos*).

O projecto 12 de maio, pois, vem levantar um antagonismo tremendo entre a generalidade da nação contribuinte e a casta do feudalismo servil. (*Applausos*).

Esse projecto fornece á alavanca abolicionista dous pontos de apoio formidaveis: um na raça escravizada, — com o roubo, perpetrado contra ella, de cem mil liberdades (*applausos*); outro na opinião popular, dessangrada pelo novo tributo. Um no coração do escravo; outro na bolsa do povo. (*Acclamações*).

Desditoso o paiz de cujo seio não se erguem esses cimos do genio, do entusiasmo, do heroísmo moral, de onde baixam ao fundo da planicie a luz e a infiltração fertilisadora das aguas do céu! Nós vegetamos na penumbra de um valle dominado por um pantano. (*Applausos*). As influencias que nos governam, compõem uma lagôa estagnada. De cima nada temos que esperar. Mas a palavra semeada pelos que

lutam acabará por vencer ; e, se as alturas são inacessíveis á acção da intelligencia, da moralidade e da justiça, o abolicionismo revolverá o povo. (*Applausos repetidos*).

Flectere sí nequeo superos, Acheronta movebo.

A escravidão é uma brutalidade que está fóra de todas as constituições e de todas as leis. (*Applausos*). Esquece-se que o Czar seja um tyranno, quando elle por um ukase emancipa vinte e tres milhões de servos. Não se pergunta pelas garantias da constituição democratica, quando uma proclamação de Lincoln destróe de golpe a propriedade escrava, affiançada pelas instituições positivas, libertando quatro milhões de captivos. O autocrata e o presidente republicano confundem-se, em transfiguração divina, ao clarão da liberdade. (*Acclamações*).

O throno entre nós parece collocado fóra do alcance de taes inspirações. Mas tambem a posição de Sua Magestade é muito mais facil. Não o percebe a corôa, preocupada com o temor da revolução agricola, ridicula ameaça, esquecendo a revolução popular, que o elevou ao throno. (*Applausos*). Acima desse constitucionalismo vulgar, a que não falta nunca uma formula para honstar uma fraqueza, ou um crime, ha um constitucionalismo superior e profundo, como essa constituição viva, que domina a constituição escripta. (*Applausos*). E ainda no rigor do mais ordinario parlamentarismo não escasseariam presentemente a corôa meios de servir á aboição, sem sahir da

legalidade. Esta camara, que duas vezes abdicou, delegando aos ministros o voto do imposto, e autorisando com o seu suffragio um tributo que a propria palavra dos que o acceitam condemnou, esta camara apodreceu, está se decompondo, e envenena com os seus miasmas o espirito publico. (*Acclamações prolongadas*).

A sua dissolução seria apenas a declaração de um facto, facto inevitavel com este ou qualquer outro ministerio, com este ou aquelle partido; mas que, se for dada ao triumvirato da junta do coice, será a Reacção desencadeada por Sua Magestade contra o abolicionismo. (*Applausos*).

Se o sceptro não pôde fazer mais pela grande idéa desta época do que oscillar indifferentemente entre a emancipação e a escravidão, em má hora o seja. Mas ao menos observe a imparcialidade mechanica do pendulo. (*Applausos*).

O que nós lhe pedimos, é simplesmente que volte ás urnas, e oiça a nação, sob os auspicios de um governo insuspeito á liberdade. (*Applausos*).

Aliás a abolição se fará a despeito da côroa. O chefe do Estado ha de comparecer á presença da Civilisação, da Humanidade e da Historia; mas, antes que esse tribunal sentencêe, o paiz terá feito a sua justiça, e possuirá a abolição como um triumpho contra a dymnastia reinante. (*Applausos*).

Revezes materiaes na região politica não nos enfraquecem. Não foi de lá que a idéa abolicionista emergio; e, todavia, a idéa abolicionista senhorêa hoje a opinião publica. (*Applausos*).

As derrotas, nesse parlamento augmentam a nossa força nacional. Cincoenta annos fez hontem, 1º de agosto, que a escravidão expirou nas colonias inglezas. Após um dos ultimos desbaratos parlamentares que antes dessa victoria soffreu alli o abolicionismo, O' Connel, dirigindo-se ao chefe do movimento libertador, disse-lhe com effusão de alegria: « Buxton, começamos a ver terra! » Agora.... e, ainda mal, quão tarde! um seculo depois que a revolução franceza desfechou o primeiro golpe na escravidão colonial, sessenta annos depois que José Bonifacio tentou arrancar o captiveiro dos alicerces da nossa organização politica, cincoenta e tres depois que os tratados pronunciaram a infamia do commercio negreiro, trinta e quatro após a extincção do trafico, quatorze depois da lei de 28 de setembro, cuja consequencia logica devia ser a extincção do elemento servil em sete annos.... nós principiamos a avistar a terra da abolição. (*Applausos*). E lá, bem perto, nessas plagas anheladas pela agonia de um milhão de opprimidos e pela honra de uma nação inteira, vemos desenhar-se no horizonte a imagem epica da liberdade, pisando aos pés esta reforma impia, e agitando acima da cabeça eternamente coroada as ultimas cadeias da escravidão fulminada no Brazil.

(*Applausos. Acclamações prolongadas e repetidas. O orador, depois de retirar-se, é obrigado pelo publico a voltar, e recebido entre novas acclamações*).



A SEGUNDA PHASE

